

LÊNIN, OS CAMPONESES E A REVOLUÇÃO RUSSA

RAMSÉS EDUARDO PINHEIRO DE MORAIS SOUSA¹

RESUMO: O presente artigo tem como objetivo analisar as relações entre a construção do programa agrário dos bolcheviques e a dinâmica da luta de classes no campo russo entre 1901 e 1917. Nesta perspectiva, os escritos de Vladimir Ilitch Lênin são tomados com principal corpus para analisar as inflexões dos bolcheviques sobre a questão agrária e o papel dos camponeses na Revolução Russa de 1917. Outrossim, apesar da escassez de fontes disponíveis, procuro identificar a visão dos próprios camponeses acerca da Revolução Russa e sua repercussão sobre suas vidas. Neste percurso metodológico, autores como Trotsky, John Reed e Christopher Hill são fundamentais para um esforço de compreensão das formas como a revolução foi vivenciada pelos camponeses em seu universo cotidiano.

Palavras-chave: Revolução Russa. Socialismo. Camponeses.

ABSTRACT: This article aims to analyze the relations between the construction of the agrarian program of the Bolsheviks and the dynamics of class struggle in the Russian countryside between 1901 and 1917. In this perspective, the writings of Vladimir Ilitch Lenin are taken with the main corpus to analyze The inflections of the Bolsheviks on the agrarian question and the role of the peasantry in the Russian Revolution of 1917. Moreover, despite the scarcity of available sources, I try to identify the peasants' own view of the Russian Revolution and its repercussion on their lives. In this methodological course, authors such as Trotsky, John Reed and Christopher Hill are fundamental to an effort to understand the ways in which the revolution was experienced by peasants in their everyday universe.

Keywords: Russian Revolution. Socialism. Peasants.

Ao analisar a Revolução de Outubro em sua obra “Era dos extremos”, o historiador inglês Eric Hobsbawm pontuou que a única vantagem real com que Lênin e os bolcheviques contavam era sua “capacidade de reconhecer o que as massas queriam; de conduzir, por assim dizer, por saber seguir” (HOBSBAWM, 1995: 68). Este argumento

¹ Mestre em História do Brasil pela Universidade Federal do Piauí. Professor do Instituto Camillo Filho. Contato: ramsespinheiro@hotmail.com.

adquire uma relevância ainda maior quando Hobsbawm ressalta a capacidade dos bolcheviques em construir seu programa agrário em consonância com a realidade e as expectativas dos camponeses russos entre 1905 e 1917.

Considerando que a divisão das terras contrastava com o projeto socialista de exploração coletiva da terra, a reflexão de Hobsbawm nos conduz a analisar: por que os bolcheviques operaram este equacionamento em seu programa revolucionário? Quais as propostas e ações empreendidas para alcançar este propósito? Tais indagações nos remetem a uma das questões mais sensíveis para a compreensão do êxito da Revolução de Outubro na Rússia de 1917: quais as condições e possibilidades de um partido marxista conquistar o poder em um país agrário onde cerca de 80% da população vivia no campo?

Tomando a reflexão de Hobsbawm como ponto de partida, o objetivo do presente artigo consiste em analisar as relações entre a construção do programa agrário do Partido Bolchevique e a situação da luta de classe no campo russo no decorrer de 1917. Esta análise será empreendida a partir da obra de Vladimir Ilitch Lênin sobre a questão agrária e o papel atribuído aos camponeses na Rússia. Esta escolha justifica-se não apenas pela vasta produção de Lênin sobre este tema, mas, sobretudo, pela inflexão que seus escritos provocaram em relação ao programa agrário dos bolcheviques.

Ao final do artigo, procuro articular alguns fragmentos que nos colocam diante dos camponeses e suas impressões sobre a Revolução Russa em um esforço de resgatá-los do que o historiador E. P. Thompson chamou de “imensos ares superiores de condescendência da posteridade” (THOMPSON, 1987, p. 15). Antes de desenvolvermos a proposta acima apresentada, é importante apresentar a interpretação clássica do marxismo sobre a questão do campesinato. Esta compreensão foi elaborada de forma bastante precisa por Friedrich Engels nos seus últimos anos de vida.

Um cortejo fúnebre...

Em 1894, um Engels já bastante envelhecido escreveu o artigo “O problema camponês na França e na Alemanha”, cujo objeto central era analisar o programa agrário do Partido Operário Francês. Neste texto, Engels argumentou que o desenvolvimento do capitalismo na Europa Ocidental rompeu o nervo vital da pequena exploração na agricultura, nesta perspectiva a pequena propriedade agrícola estaria fatalmente destinada a desaparecer. O destino da pequena propriedade seria compartilhado por seu principal representante, o camponês, que se converteria em proletário agrícola.

Após postular a ruína da pequena propriedade e o cortejo fúnebre do camponês, Engels criticou o programa do Partido Operário Francês no tocante a manutenção da posse dos pequenos camponeses sobre suas glebas de terra que cultivam:

A argumentação diz que na França de hoje, o meio de produção, ou seja, a terra, encontra-se ainda em muitos lugares como propriedade individual em mãos dos produtores individuais e que a missão do socialismo não é divorciar a propriedade do trabalho, senão, pelo contrário, reunir nas mesmas mãos esses dois fatores de qualquer produção. Como já assinalamos, não é esta, e nem muito menos com esse alcance geral, a missão do socialismo; sua missão se reduz na verdade a transferir os meios de produção aos produtores como *propriedade coletiva*. (grifo do autor). (ENGELS, 1981, p. 67).

Na concepção de Engels, a transformação socialista da agricultura passava diretamente pela conversão das inúmeras propriedades individuais em propriedade coletiva. A perspectiva da coletivização da terra é compreendida por Engels como um pressuposto para a edificação de uma sociedade socialista. Todavia, no processo de conquista do poder, o fundador do socialismo científico aduziu que os pequenos camponeses não deveriam ser expropriados violentamente de sua gleba, mas sim convencidos das vantagens da propriedade coletiva e do regime cooperativo de trabalho. Em suma, tratava-se, nas palavras de Engels, de “oferecer aos camponeses a possibilidade de eles mesmos implantarem a grande exploração”.

No tocante aos grandes propriedades de terras, Engels argumentou que:

Aqui se trata de explorações claramente capitalistas e não cabem escrúpulos de nenhuma espécie. Aqui nos defrontamos com operários agrícolas em massa e nossa missão deve ser clara. Assim que nosso partido tome posse do poder do Estado, procederá a expropriar sem mais rodeios aos grandes proprietários de terras, exatamente que da mesma forma aos empresários industriais. (...) As grandes fazendas restituídas assim a coletividade seriam entregues por nós para desfrute dos operários agrícolas que já as cultivam agora, e deverão organizar-se em cooperativas, sob controle da coletividade. Em que condições, é coisa que ainda não se pode determinar. Em todo o caso nestas propriedades o sistema de exploração capitalista em um sistema de produção coletiva já está totalmente preparado e pode ser realizado da noite para o dia (...). (ENGELS, 1981, p. 78).

Para Engels, a grande propriedade capitalista deveria manter sua integridade após a revolução, entretanto, caberia ao novo Estado o papel de convertê-la em propriedade coletiva sobre controle de organizações cooperativas administradas pelos próprios

proletários agrícolas. O êxito destas grandes fazendas coletivas do Estado no tocante à introdução de maquinário e técnicas racionais de exploração agrícola constituiria, para Engels, o impulso necessário para convencer os pequenos camponeses da superioridade deste modelo em relação à pequena propriedade individual.

Nesta mesma perspectiva, Karl Kautsky, eminente teórico marxista e autoridade suprema da II Internacional, publicou em 1898 a obra “A questão agrária” onde desenvolveu a tese da superioridade da grande exploração coletiva da terra sobre a exploração individual. Defendendo a socialização das grandes propriedades agrícolas como passo fundamental para a transformação socialista da agricultura, Kautsky reforçava as conclusões de Engels sobre o problema agrário consolidando um cânone que nortearia a política agrária da social-democracia europeia.

Lênin, os bolcheviques e o programa agrário

Buscando compreender a nova realidade econômico-social já perceptível na Rússia da década de 1890, a obra seminal de Vladimir Lênin, *O desenvolvimento do capitalismo na Rússia* (1898) nos oferece uma análise calcada no materialismo histórico acerca do processo que conduziu a Rússia ao desenvolvimento capitalista (LÊNIN, 1982). Lênin não compreendeu este fato como uma fatalidade, mas sim como um processo histórico construído a partir das circunstâncias históricas próprias ao Império russo. Em síntese, o capitalismo russo se desenvolveu de forma completamente diferente daquela vislumbrada no Ocidente, apresentando peculiaridades que aceleraram as contradições internas desta forma de produção, como o rápido desenvolvimento de uma classe operária concentrada em determinadas regiões do país.

Entre os principais aspectos relacionados à expansão do capitalismo no campo russo, Lênin enfatizou as repercussões da abolição da servidão decretada pelo Czar Alexandre II em 1861. Ao analisar esta reforma, Lênin argumentou que a extinção do regime de servidão não representou uma mudança estrutural na sociedade russa. Uma vez adquirida a liberdade pessoal, o camponês ficava vinculado ao pagamento de um “resgate” como contrapartida por sua “libertação”. Deste modo, para arcar com essa dívida e com sua própria sobrevivência, os camponeses eram compelidos a tomar em arrendamento as terras do seu antigo senhor, contraindo novas obrigações como o pagamento de uma renda em dinheiro, espécie ou prestação de serviços pessoais. Em suma, tratava-se de uma reforma que expressava a força dos grandes latifundiários russos como principal base de sustentação do regime czarista.

No texto “O Partido Operário e o campesinato”, escrito em 1901, Lênin aduziu que a expansão do capitalismo no campo russo esmagou e dividiu o campesinato. Nesta perspectiva, Lênin nos apresenta um amplo espectro das frações de classe que havia no campo russo no início do século XX: camponeses pobres, camponeses médios, camponeses ricos (kulaks) e proletários agrícolas. Haveria, assim, duas espécies de contradições no campo: entre o proletariado agrícola e os patrões rurais; e entre o conjunto do campesinato e os latifundiários (LÊNIN, 1983a, p. 08). Discorrendo sobre a configuração econômico-social do Império Russo no alvorecer do século XX, Lênin postulou que a segunda contradição assumia toda sua força para o futuro da Rússia. Todavia, no presente tratava-se de apoiar os camponeses na sua luta contra os grandes latifundiários.

De todo modo, para Lênin esta fragmentação e diversidade de interesses no campo constituía um dos principais obstáculos para uma ação independente e revolucionária do campesinato. No texto “Aos camponeses pobres”, redigido em 1903, Lênin argumentou que:

Sem se unir aos operários das cidades, *o campesinato pobre nunca* poderá se desembaraçar completamente da servidão, da necessidade e da miséria; *só eles* o poderão ajudar nesse domínio, e ele não pode contar com mais ninguém a não ser consigo mesmo. (LÊNIN, 1983b, p. 59).

49

Nesta passagem, Lênin desenvolve um dos principais postulados da tradição marxista-leninista amplamente difundido no século XX: a aliança operário-camponesa. Como evidenciado, os camponeses ocupavam um lugar nitidamente secundário na referida aliança, cabendo aos operários o papel de vanguarda na revolução socialista. Em outra passagem deste texto, Lênin reiterou a solidez do programa agrário já apresentado por Engels e por Kautsky: a transformação dos meios de produção, incluída a terra, em propriedade coletiva. Vejamos:

Quando a classe operária tiver vencido toda a burguesia, confiscará a terra dos grandes agrários e organizará as grandes empresas agrícolas em explorações coletivas, afim de que os operários cultivem a terra em conjunto, em comum, elegendo livremente pessoas de confiança como dirigentes, dispondo de toda a espécie de máquinas para facilitar o seu trabalho, e trabalhando por turnos de oito horas por dia (e por vezes até seis horas) no máximo. (LÊNIN, 1983b, p. 62).

A despeito de conceber a coletivização dos meios de produção, aí incluída a terra, como pressuposto para a edificação de uma sociedade socialista, Lênin e os bolcheviques

ainda estavam imbuídos de uma concepção etapista do processo revolucionário que apregoava inicialmente uma revolução democrático-burguesa que colocaria a Rússia na marcha do desenvolvimento capitalista. A fase seguinte seria movida pela contradição entre capital e trabalho, desdobrando-se na revolução socialista através da ação consciente do proletariado guiado por seu partido. É importante ressaltar que desde 1905, o jovem Leon Trotsky destoava desta interpretação, defendendo a simultaneidade das revoluções democrático-burguesa e socialista nos países de capitalismo retardatário. Em suma, tratava-se do embrião da teoria da revolução permanente.

A Revolução Russa de 1905 colocou os bolcheviques diante de um levantamento geral do campesinato russo, acompanhado por uma onda de greves nas principais cidades industriais e rebeliões em unidades da marinha que se tornaram célebres através do filme *Encouraçado Potenkin* do cineasta Eisenstein. Diante deste novo contexto, Lênin redigiu uma “Revisão do Programa Agrário do Partido Operário”, onde postulou a confiscação de todas as terras pertencentes à Igreja, aos conventos, aos apanágios, ao Estado e aos latifundiários. Tais confiscações seriam realizadas por “comitês camponeses” que também seriam responsáveis por dispor destas terras (LÊNIN, 1983c, p. 126).

Diante de um movimento real de sublevação dos camponeses em inúmeras regiões do Império Russo, Lênin promoveu as primeiras inflexões no programa agrário dos bolcheviques. Tendo em vista que os próprios camponeses haviam iniciado o processo de ocupação e expropriação dos latifúndios, Lênin ponderou que este processo deveria ser realizado de forma organizada através de “comitês camponeses”. Esta proposição certamente foi informada pela emergência dos conselhos de operários durante a Revolução de 1905. Formados por deputados diretamente eleitos em assembleias de base em todas as partes da Rússia. Conhecidos como *soviets*, estes conselhos constituíram o núcleo de uma nova forma de poder.

Lênin e os bolcheviques se depararam com um problema imediato, o levantamento dos camponeses contra os grandes latifundiários, diante do qual buscaram elaborar um programa que consolidasse a aliança entre os operários e o campesinato russo. Apresentar a proposta de grande da exploração agrícola em fazendas coletivas talvez não coadunasse com o ânimo e as expectativas dos camponeses russos naquele momento de efervescência social. Todavia, Lênin não ofereceu uma resposta acabada sobre o destino das terras confiscadas, atribuindo aos “comitês camponeses” a função de administrar estas propriedades até a instalação de uma Assembleia Constituinte.

A formação de um parlamento no Império Russo, a *Duma*, foi um dos principais desdobramentos da Revolução de 1905, evidenciando uma reacomodação da autocracia czarista com o propósito de sobreviver à crise política e social marcada pela ascensão dos trabalhadores do campo e da cidade. A partir de 1906, o Primeiro-Ministro russo Stolypin promoveu uma readaptação do regime czarista no tocante à questão agrária, sua tática consistia em cooperar com elementos capitalistas do campo e dar assistência ao seu desenvolvimento, estreitando, assim, os laços do regime com os kulaks.

Em 1907, Lênin voltou a enfatizar a urgência do problema agrário no texto “O programa agrário da social-democracia na primeira revolução russa”, sublinhando, desta vez com maior nitidez, duas possibilidades de desenvolvimento do capitalismo no campo (LÊNIN, 1983d, p. 150-158). Tratava-se da *via prussiana*, onde o latifúndio feudal transforma-se gradativamente no latifúndio *junker* burguês sob a batuta do Estado; e a *via americana*, onde os camponeses destruíam os grandes latifúndios, dividindo as terras em pequenas fazendas. Identificando a luta entre os camponeses e o latifúndio feudal como a principal contradição na primeira fase da revolução russa, Lênin preferia o “caminho americano” que coincidia com as intervenções dos deputados camponeses que participaram da Primeira e da Segunda *Duma*.

Quando a Rússia foi sacudida por uma nova revolução em fevereiro de 1917, a questão agrária emergiu com toda a força no debate político sobre os caminhos a ser trilhados após a queda do regime czarista. Ao desembarcar na Estação Finlândia após longos anos de exílio, Lênin encontrou uma Rússia em plena efervescência social. Logo ficou claro que o Governo Provisório dirigido pela frágil burguesia russa, e apoiado pelas potências ocidentais, não procederá às transformações necessárias a resolução de questões prementes como a retirada do país da guerra e a reforma agrária. A ausência de medidas que solucionasse tais demandas reduziu o governo provisório a uma existência meramente formal, em contraste com os soviets de deputados operários, soldados e camponeses que gradativamente passaram a exercer o poder de fato.

Ao redigir um novo projeto de plataforma para o Partido Bolchevique, intitulado “As tarefas do proletariado na nossa revolução”, ou simplesmente *Teses de Abril*, Lênin rompeu com a concepção que separava a revolução democrático-burguesa da revolução socialista, enfatizando a necessidade do proletariado tomar o poder imediatamente através de suas próprias organizações. Ao lançar a palavra-de-order “Todo poder aos soviets”, Lênin provocou uma profunda inflexão na tática revolucionária dos bolcheviques, não sem

enfrentar tenazes divergências com outros integrantes do partido como Kamenev e Zinoviev.

Ao analisar a reorientação programática dos bolcheviques após o retorno de Lênin, o historiador Christopher Hill aduziu que:

A volta de Lênin trouxe mudanças profundas: ele pedia paz imediata, imediata ocupação de terra pelos camponeses, a transferência imediata de todo o poder para os soviets. Entrou logo a enfatizar que um Congresso de Soviets deveria tomar o lugar da Assembleia Constituinte. Quer isso dizer que Lênin colocou na agenda a transmissão do poder político ao proletariado: a revolução já não era para ela uma simples revolução burguesa, e já não pensava – como em 1905 – que o Partido Social-Democrático devesse entrar num governo revolucionário de coalizão. (HILL, 1977, p. 91).

A partir de abril, os bolcheviques experimentaram um crescimento vertiginoso. Sobre este aspecto, Hobsbawm ressaltou que o slogan “Pão, Paz, Terra” conquistou para os bolcheviques um apoio crescente dos setores mais oprimidos na sociedade russa. O partido de Lênin passou de “um pequeno grupo de uns poucos milhares em março de 1917 para um quarto de milhão de membros no início do verão daquele ano”. (HOBSBAWM, 1995, 68). Em relação ao programa agrário, Lênin pontuou nas *Teses de Abril* que:

Devemos exigir a nacionalização de *todas* as terras, isto é, a passagem das terras existentes no país para a propriedade do poder central do Estado. Este poder deverá determinar as proporções, etc., do fundo de colonização, promulgar as leis para a proteção florestal, melhoramento do solo, etc., e proibir em absoluto toda mediação entre o proprietário de terra, o Estado, e o seu arrendatário, o agricultor (proibir todo o subarrendamento da terra). Mas a *disposição* da terra, toda determinação das *condições locais* da sua posse e usufruto não deve encontrar-se de modo algum nas mãos da burocracia, dos funcionários, mas plena e exclusivamente nas mãos dos *Soviets de deputados camponeses* regionais e locais. (grifos do autor). (LÊNIN, 1980a, p. 33).

As teses de Lênin sobre a questão agrária representam um longo esforço de interpretação da questão agrária na Rússia, combinada com uma observação das demandas que os camponeses mais almejavam naquele momento: a posse da terra. Nesta perspectiva, os bolcheviques não deveriam abrir mão de nacionalizar todas as terras da Rússia colocando fim a propriedade privada. Todavia, algumas mediações seriam imprescindíveis neste processo, destacando-se, sobremaneira, a transmissão da terra aos camponeses

através do direito de posse e usufruto em condições que seriam definidas pelos próprios soviets de deputados camponeses.

Ao mesmo tempo, Lênin aduziu que para melhorar a técnica agrícola e aumentar a produção, os bolcheviques também deveriam encorajar a transformação de cada “herdade latifundiária confiscada numa grande exploração modelo, sob comando dos Sovietes de deputados assalariados agrícolas” (LÊNIN, 1980a, p. 34). É interessante ressaltar que a transformação das grades propriedades confiscadas em explorações coletivas modelo não foi colocada por Lênin como um comando imperativo, uma vez que a principal demanda que emergia do campo era a repartição das terras. Nesta perspectiva, a leitura da realidade concreta informava a necessidade de mediações sem as quais o apoio dos camponeses a revolução seria impossível.

No início de maio de 1917, foi organizado o Congresso dos Deputados Camponeses de toda a Rússia, onde o Partido Socialista-Revolucionário constituiu-se como a principal força política. Os socialistas-revolucionários eram herdeiros dos velhos narodniks, seu programa consistia na passagem ao socialismo através do desenvolvimento da comunidade aldeã russa, o *mir*. Impossibilitado de comparecer ao referido congresso por razão de doença, Lênin dirigiu uma carta aos deputados camponeses onde exortou a tomada imediata da terra, denunciando os socialistas-revolucionários por sua união com o Governo Provisório (LÊNIN, 1983e, p. 175).

Ao analisar este período, Hobsbawm pontuou destacou que entre junho e outubro de 1917 a radicalização desenrolou-se abruptamente na Rússia, Incapaz de fazer valer suas leis e decretos, o Governo Provisório era cada vez mais sobrepujado pelos soviets. A este respeito, Hobsbawm argumentou que:

Quando os bolcheviques – até então um partido de operários – se viram em maioria nas principais cidades, e sobretudo na capital, Petrogrado e Moscou, e depressa ganharam terreno no exército, a existência do Governo Provisório tornou-se cada vez mais irreal. (...) A onda radicalizada de seus seguidores inevitavelmente empurrou os bolcheviques para a tomada do poder. Na verdade, quando chegou a hora, mais que tomado, o poder foi colhido. (HOBSBAWM, 1995, p. 68).

Em carta dirigida aos bolcheviques no início de outubro de 1917, Lênin versou sobre a radicalização no campo:

Por todo o país se inflama a insurreição camponesa. É claríssimo que os democratas-constitucionalistas e os lacaios dos democratas-constitucionalistas procuram minimizá-la por todos os meios, reduzindo-

as a “progromes” e a “anarquia” Essa mentira é refutada pelo facto de nos centros da insurreição se ter começado a entregar a terra aos camponeses. Os “progromes” e a “anarquia” nunca conduziram a tão excelentes resultados políticos. (LÊNIN, 1980b, p. 171-172).

Na passagem do dia 24 para 25 de outubro de 1917, o Comitê Militar Revolucionário criado pelos bolcheviques alguns dias antes e liderado por Trotsky comandou a tomada dos principais pontos estratégicos em Petrogrado. Às 10 da manhã do dia 25 de outubro, Lênin dirigiu uma carta aos cidadãos da Rússia informando a deposição do Governo Provisório e dando vivas à revolução dos operários, soldados e camponeses. Ainda neste dia, reuniu-se o II Congresso dos Sovietes de Deputados Operários e Soldados de toda a Rússia, já dominado por uma maioria bolchevique.

A primeira medida deliberada pelos deputados reunidos no referido congresso foi tomar o poder em suas mãos. No dia 26 de outubro, o congresso decidiu sobre a formação de um novo governo operário e camponês designado como Conselho dos Comissários do Povo, para o qual Lênin foi eleito presidente. Ainda neste dia, o congresso aprovou o Decreto sobre a Paz, que colocava fim a participação da Rússia na Primeira Guerra Mundial. Na ocasião também foi aprovado o Decreto sobre a Terra. A reforma agrária tão almejada pelos camponeses finalmente era efetivada.

A propriedade latifundiária da terra foi abolida imediatamente sem qualquer indenização. Todas as terras converteram-se em patrimônio de todo o povo e foram transmitidas aos que trabalhavam nela. O decreto também estabeleceu um mandato camponês sobre a terra que concedia o direito de usufruto a todos os cidadãos da Rússia que desejem cultivá-la com seu próprio trabalho, com o de sua família ou em sociedade. A distribuição da terra entre os lavradores não ficaria a cargo da burocracia estatal, sendo organizada pelos próprios camponeses através de suas auto-administrações locais e centrais (LÊNIN, 1980c, p. 404-405).

O mandato camponês frisava que os latifúndios com produções altamente desenvolvidas não seriam objeto de partilha, mas sim convertidas em explorações modelo. Lênin certamente concebia estas explorações modelos como bases para uma futura agricultura coletivizada para a qual os pequenos camponeses seriam conquistados ao convencerem-se de sua superioridade técnica e produtiva.

Como Hobsbawm asseverou, a grande vantagem dos bolcheviques sobre as demais organizações de esquerda era reconhecer o que as massas queriam, estabelecendo, assim, mediações entre seu programa e a realidade concreta dos camponeses. Nesta esteira, Lênin encerrou o decreto aduzindo que:

Os camponeses aprenderam muita coisa nestes oito meses de nossa revolução. Querem resolver eles próprios todas as questões da Terra. Por isso nos pronunciamos contra quaisquer emendas neste projecto de lei, não queremos entrar em pormenores, porque estamos a escrever um decreto e não um programa de acção. A Rússia é grande e as condições locais existentes são diversas; acreditamos que o próprio campesinato saberá melhor do que nós resolver a questão correctamente, como é necessário. Que o façam no espírito do nosso programa ou no dos socialistas-revolucionários – não é aí que está o essencial. O essencial está no que o campesinato adquira a firme convicção de que já não há latifundiários no campo, de que os próprios camponeses resolvam todas as questões, que eles próprios construam a sua própria vida. (LÊNIN, 1980c, p. 406).

Construir sua própria vida, este era o principal conselho de Lênin aos camponeses russos. A literatura marxista poderia apontar inúmeros caminhos no tocante à construção da revolução socialista. Contudo, a experiência de auto-organização dos camponeses, seja em soviets ou comitês, era mais importante que qualquer manual revolucionário. Este texto demonstra que Lênin compreendeu que este processo de auto-aprendizagem dos trabalhadores os fortalecia enquanto classe.

Mas e os camponeses, como visualizaram a revolução?

55

Os camponeses e a Revolução

Ao longo deste artigo nos referimos em inúmeras passagens aos camponeses russos, todavia, o que de fato sabemos sobre estes sujeitos: como viviam? Como trabalhavam? Quais suas angústias e expectativas? As respostas para tais perguntas exigiriam um trabalho de pesquisa incomensurável a partir de fontes que nos colocassem diante destes personagens não como números ou estatísticas, mas como homens e mulheres de carne e osso.

A escassez de materiais sobre o campesinato russo é atenuada pelos relatos de velhos camponeses colhidos por Trotsky e inseridos em sua obra *História da Revolução Russa*. Ao discorrer sobre o processo de tomada das terras no campo russo, Trotsky asseverou que:

Um camponês de Penza, Begichev, relata: “em setembro todos foram atacar Logvin (ela também foi atacada em 1905). Uma tropa de carros e carroças fluía na ida e na volta de sua propriedade, centenas de mujiques começaram a chegar e levar seu gado, grãos, etc.” Um destacamento chamado pela administração tentou retomar algo do butim, mas os

mujiques reuniram quinhentas pessoas na aldeia, e o destacamento dispersou-se. Os soldados, evidentemente, não estavam ávidos em restaurar os direitos destruídos dos latifundiários. Na província de Tauride, começando nos últimos sete dias de setembro, segundo as lembranças do camponês Gaponenko “os camponeses atacavam os prédios, expulsavam os capatazes, tomavam os animais de carga, a maquinaria, os grãos dos celeiros... Eles até arrancavam as cortinas das janelas, as portas dos batentes, os pisos dos quartos e levavam as telhas de zinco com eles...” “No início, vinham apenas a pé, tomavam o que podiam e iam embora, relata Grunko, camponês de Minsk, mas depois atrelavam os cavalos de qualquer um, e levavam as coisas embora em carroças cheias. Não havia lugar para passar, eles apenas chegavam e levavam as coisas embora, a partir do meio dia, por dois dias e noites sem parar. Nestas 48 horas eles limpavam tudo”. A tomada da propriedade, segundo um camponês de Moscou, Kuzmitchev era justificado desse modo: “O proprietário era nosso, trabalhamos para ele, e o domínio que ele possuía pertencia a nós somente”. Outrora, o nobre costumava dizer aos servos: “Vocês são meus e tudo o que é seu é meu”. Agora os camponeses davam sua resposta: “Ele era nosso senhor e todos os seus bens eram nossos”. (TROTSKY, 2007, p. 792-793).

Os relatos de Begichev, Gaponenko, Grunko e Kuzmitchev nos aproximam das expectativas que tomaram conta do campo russo em 1917, informando inúmeros levantes em todo o país. Nestas breves narrativas, identificamos a excitação e felicidade dos camponeses ao descrever os pormenores da tomada das terras dos latifundiários russos. Atos como a apropriação do gado, dos grãos ou mesmo expulsão dos capatazes se revestiam de uma força simbólica que repousava na inversão das relações de poder que predominava no campo russo até àquele momento. Os camponeses provavelmente não estavam preocupados com a construção de um Estado socialista, todavia, apoiar o governo dos “Comissários do Povo”, dirigido pelos bolcheviques, era uma garantia de que as terras seriam repartidas e os dias de penúria não mais ressurgiriam.

Nesta mesma obra, Trotsky também escreveu sobre o estreitamento das relações entre os bolcheviques e os camponeses ao longo de 1917:

Um camponês de Novgorod, Grigoriev, conta como um socialista revolucionário na aldeia chamou os bolcheviques de “usurpadores” e “traidores”, e como os mujiques explodiram: “Abaixo o cão, pedras nele! Não nos conte mais contos de fada. Onde está a terra? Já chega para nós. Nos dê um bolchevique!”. É possível, a propósito, que este episódio – e há muitos como este – derive do período pós-Outubro. Os fatos se fixam fortemente na memória dos camponeses, mas sua cronologia é fraca. (TROTSKY, 2007, p. 802).

Trotsky relatou que o crescente apoio dos camponeses aos bolcheviques passou a ser traduzido reconhecimento do nome de Lênin nos lábios de todos os camponeses. A

expansão dos bolcheviques no campo foi facilitada pela própria crise dos socialistas revolucionários que se cindiram em dois grupos. Aqueles mais radicais que chamava os camponeses a imediata tomadas das terras foram chamados socialistas-revolucionários de esquerda, tornando-se a organização com maior influência entre os camponeses russos.

No final de novembro de 1917, reuniu-se um novo Congresso de Deputados Camponeses de toda a Rússia. Nesta ocasião, acordos entre os bolcheviques e os socialistas-revolucionários de esquerda viabilizaram a unificação entre o Congresso Camponês e o Soviet de Deputados Operários e Soldados, garantindo, assim, a unidade entre todos os trabalhadores russos. A notícia foi recebida com júbilo pelos deputados camponeses que marcharam do antigo palácio da *Duma* até o Instituto Smólni onde os operários e soldados os aguardavam. Em sua célebre obra, *Dez dias que abalaram o mundo*, o jornalista John Reed narrou que:

A imensa procissão percorreu a cidade. O cortejo cada vez aumentava mais. A todo instante, novas bandeiras vermelhas juntavam-se às que já tremulavam ao vento. Velhos camponeses caminhavam apoiados nos braços de seus companheiros. E, nos seus rostos enrugados, resplandecia uma felicidade infantil.

- Ah! - dizia um deles. - Quero ver agora quem é capaz de nos tirar as terras! (REED, 1978, p. 297).

57

O conagraçamento dos operários e camponeses no Smólni, tal como narrado por Reed, nos introduz em um universo de infinitas possibilidades. Para os camponeses, a posse da terra era a principal conquista a ser salvaguardada pelo novo Estado. Localizamos novamente fragmentos de vozes dos camponeses através de um relatório citado por Christopher Hill em seu livro sobre Lênin e a Revolução Russa:

A melhor imagem que conheço, da revolução, encontra-se num relatório escrito por um homem muito simples que, por uma série de acasos, viu-se enviado na qualidade de comissário soviético a um distrito rural na longínqua Ilha de Sacalina, a mais oriental. Lá, durante uma reunião, um velho camponês disse a ele: “Veja, Senhor Chefe, a gente aqui houve boatos de que agora há uma guerra entre russos, uns chamados bolcheviques e outros chamados brancos. Dizem que os bolcheviques lutam pelo povo, para não haver mais czar nenhum, para a terra ser tomada aos fidalgos e repartida aos camponeses. Nós pouco entendemos dessas coisas; o senhor poderia nos dizer algo a respeito?”. Outro camponês, um condenado a degredo, lhe disse: “Seria bom se o czar tivesse dado a terra aos camponeses. Eu me lembro de que em minha aldeia na Rússia, no meu tempo, costumavam dizer que a terra seria repartida um dia... mas isso nunca tivermos”. E o comissário, que estava muito longe de ser um bolchevique, tirava a sua conclusão: “Havia

excitação geral. Todos falavam. E eu pude ver que eles acreditavam que alguma coisa de novo acontecera, em virtude da qual iriam viver melhor”. Eis o sentido da revolução. (HILL, 1977, p. 180).

As narrativas destes dois camponeses anônimos apresentados por Christopher Hill evidenciam a repercussão da Revolução de Outubro na região mais distante da Rússia. O relatório do comissário soviético nos introduz mais uma vez no universo cotidiano dos camponeses. A preocupação do primeiro camponês em confirmar os boatos sobre a repartição das terras nos remete a pensar sobre a repercussão das grandes transformações sociais no cotidiano das pessoas comuns. Em contrapartida, a fala do segundo camponês revela uma esperança latente sobre a partilha da terra. Esperança certamente compartilhada por quatro quintos da população russa.

Em suma, os relatos destes camponeses são informados por uma certeza de que suas vidas estavam prestes a melhorar. A experiência revolucionária dos operários e camponeses em 1917 demonstrou que a desigualdade social e a miséria não eram naturais e irremediáveis, eis o maior legado da Revolução Russa.

Bibliografia

ENGELS, Friedrich. O problema camponês na França e na Alemanha. In: SILVA, José Graziano da; STOLCKE, Verena. *A questão agrária*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1981.

HILL, Christopher. *Lênin e a revolução russa*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1977.

HOBSBAWM, Eric. A revolução mundial. In: _____. *Era dos extremos: o breve século XX: 1913-1991*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

LÊNIN, Vladimir Ilitch. Aos camponeses pobres. In: _____. *Aliança da Classe Operária e do Campesinato*. Moscovo: Edições Progresso, 1983. (b)

_____. As tarefas do proletariado na nossa revolução. In: LÊNIN, Vladimir Ilitch.. *Obras escolhidas*. Vol. 2. São Paulo: Editora Alfa-Omega, 1980. (a)

_____. Carta aberta aos Delegados do Congresso dos Deputados Camponeses de toda a Rússia. In: LÊNIN, Vladimir Ilitch. *Aliança da Classe Operária e do Campesinato*. Moscovo: Edições Progresso, 1983. (e)

_____. Carta aos camaradas bolcheviques que participam no Congresso Regional dos Sovietes da região norte. In: LÊNIN, Vladimir Ilitch. *Obras escolhidas*. Vol. 2. São Paulo: Editora Alfa-Omega, 1980. (b)

_____. *O desenvolvimento do capitalismo na Rússia: o processo de formação do mercado interno para a grande indústria*. São Paulo: Abril Cultural, 1982.

_____. O Partido Operário e o Campesinato. In: LÊNIN, Vladimir Ilitch. *Aliança da Classe Operária e do Campesinato*. Moscovo: Edições Progresso, 1983. (a)

_____. O programa agrário da social-democracia na primeira revolução russa. In: LÊNIN, Vladimir Ilitch. *Aliança da Classe Operária e do Campesinato*. Moscovo: Edições Progresso, 1983. (d)

_____. Revisão do Programa Agrário do Partido Operário. In: LÊNIN, Vladimir Ilitch. *Aliança da Classe Operária e do Campesinato*. Moscovo: Edições Progresso, 1983. (c)

_____. Segundo Congresso dos Sovietes de Deputados Operários e Soldados de toda a Rússia. 25-26 de outubro. In: LÊNIN, Vladimir Ilitch. *Obras escolhidas*. Vol. 2. São Paulo: Editora Alfa-Omega, 1980. (c)

REED, John. *Dez dias que abalaram o mundo*. São Paulo: Ed. Sociais, 1978.

THOMPSON, E. P. *A formação da classe operária inglesa: a árvore da liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

TROTSKY, Leon. *História da Revolução Russa*. São Paulo: Editora Sundermann, 2007. (Tomo Dois).